



Blumenau *em Cadernos*

TOMO IX ★ — JULHO DE 1968 — ★ — Nº. 7

CASA FLESCH

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1080 — CAIXA POSTAL, 127

**Estabelecida desde 1925 no ramo de música,
discos, músicas, instrumentos musicais.**

B L U M E N A U

—

SANTA CATARINA

PERFUMARIAS — MEDICAMENTOS

PROCURE

S U A F A R M A

A MAIS TRADICIONAL

LAQUÊ BLUMEN

O fixador perfeito para o seu cabelo.

Blumenau

em cadernos

TOMO IX ★ — JULHO DE 1968 — ★ — Nº. 7

ATÉ A VOLTA, FREI BRAZ

Celso Liberato

Com mais de trinta anos de missão religiosa em terras brasileiras, regressa Frei Braz Reuter à sua Pátria, a bela e renascente Alemanha.

Mas antes de partir veio a Blumenau, o antigo Vigário, para as despedidas dos amigos, dos fiéis, do povo blumenauense, desta Paróquia de São Paulo Apóstolo, onde anos e anos exerceu o seu ministério sacerdotal com o desvêlo, o carinho, o zêlo apostólico de incansável cura d'almas.

Par a par da absorvente pregação religiosa, Frei Braz deixa aqui esta viva lembrança de fé cristã que é a nova igreja matriz de Blumenau, perene afirmação de seu espírito inovador e porfiados trabalhos.

Na longínqua manhã de 15 de agosto de 1884 quando o Dr. Blumenau embarcava no veterano "PROGRESSO" atracado ao cais fronteiro à Prefeitura Municipal, para iniciar o seu retôrno à distante terra natal, a Alemanha, talvez êste pensamento coletivo tivesse assaltado os seus velhos companheiros que aqui ficaram: "Nunca mais, Nunca mais".

É que o fundador da colônia voltava à sua Pátria curtido de duras lutas e dobrados trabalhos. De mais a mais, naqueles longes tempos uma viagem aqui do Brasil até a Europa era uma temeridade, uma aventura, um salto no escuro.

Mesmo no pacote mais "palheta" ou na galera mais maneira de vela, era um debulhar de semanas e até de meses na penosa travessia.

Olhem os lugres e as fragatas do Príncipe D. João, na retirada da Côrte de Portugal para o Brasil, ao fragor da invasão napoleônica.

Na conta dos entendidos, foram cinqüenta e cinco dias de mar e céu, de contínuo velejar das águas do Tejo às costas da Bahia.

E hoje, quando coincidentemente embarca Frei Braz com o mesmo destino do Dr. Blumenau?...

Hoje, são outros quinhentos.

Por mar ou por ar tanto encurtaram os caminhos que já não são caminhos, senão simples atalhos.

Na conjuntura - para me valer de um têrmo muito em moda - não tem mais vez o amargo e desconsolado "Nunca mais".

O que hoje vale é um alvoroçado "Até a volta".

Um "Até a volta", Frei Braz.

OS PRIMEIROS TEMPOS

J. Ferreira da Silva

Pelos relatórios deixados pelo Dr. Hermann Blumenau podemos, hoje, fazer uma idéia, mais ou menos exata, de como foi formado o povoado que êle fundara às margens do Garcia e do Velha e certas particularidades da vida da Colônia que, de outra forma, se teriam perdido para a posteridade. Mas houve, também, visitantes e colonos que escreveram muita coisa interessante a respeito dos primeiros anos de Blumenau. Nesse particular, algumas cartas de colonos a amigos seus, na Alemanha, e a parentes são muito preciosas. Felizmente, muita coisa ainda nos ficou a êsse respeito. Em 1903, um antigo colono de Blumenau publicou num Calendário, escrito em alemão e editado em Joinville, umas memórias muito pitorescas a respeito das impressões que lhe ficaram da sua chegada ao nascente povoado do Dr. Blumenau. Convém traduzir uns trechos dessas memórias. Êsse colono, cujo nome, entretanto, não consta do escrito, chegou a Blumenau em 1856, juntamente com outros imigrantes, que formavam um pequeno grupo, e os quais eram tratados, pelos que já aqui se achavam estabelecidos, de "alemães novos". Eram todos bem pobres, como era a grande maioria dos imigrantes que para cá veio, mas agricultores ativos e trabalhadores. Era verão, bem próximo do Natal, quando êles chegaram à chamada "Stadtplatz", que quer dizer local da cidade, que nada mais era do que a sede da Colônia. E o colono acrescenta ironizando: "O local, sem dúvida, estava ali à vista, mas a cidade, onde estava?" E continua: "Desta nada se via. Havia uma única construção a que se poderia dar o nome de casa. Nela estava instalado o único negócio do lugar, ou melhor, de tôda a Colônia e também o escritório do Diretor da Colônia. As outras moradias não eram mais que miseráveis choupanas, algumas ainda abertas, cobertas de palha. Algumas dessas edificações, legítimamente brasileiras, estavam ocupadas por uma companhia de soldados que ali se encontravam como guardas de proteção contra eventuais assaltos dos bugres. Mas a sua principal ocupação consistia em caçar e pescar e, quanto ao mais, êles ficavam afastados dos imigrados o mais possível. Para o povoado mesmo êles eram realmente uma proteção que não era para se desprezar, mas os colonos do interior, mais distantes da sede, êsses teriam que se proteger por si mesmos. Onde hoje se erguem prédios magestosos, havia, então, só mato, árvores ao lado de árvores, a floresta virgem. Nesta, os macacos e muitos outros animais se amontoavam, apesar dos muitos caçadores que havia. Não muito longe da foz do Garcia no Itajaí, ficava a casa mais importante para nós, recém-vindos: o barracão dos imigrantes".

Antes de irmos adiante com a descrição dêsse barracão, precisamos dar alguns esclarecimentos para a melhor compreensão da narrativa do nosso colono. A única casa da povoação que merecia mesmo êsse nome e onde o autor diz que estava instalado o escritório do Dr. Blumenau, fôra a primeira casa de alvenaria construída em Blumenau e ficava ao lado do atual prédio da Biblioteca Pública. Era uma casa de dois andares, construída, em 1852, por Guilherme Frie-

denreich, que viera dois anos antes, com os 17 imigrantes, fundadores de Blumenau. Nessa casa, realmente, o Dr. Blumenau alugara dois quartos: um para o seu escritório e outro para uma venda que fornecia aos colonos gêneros de primeira necessidade e outras mercadorias. O barracão de imigrantes ficava, mais ou menos, onde hoje está a estátua do Dr. Blumenau, no comêço da rua das Palmeiras.

Vamos ver como o nosso colono-escritor descreve êsse barracão: "O aspecto dêle não era muito convidativo. Tanto no exterior, como no interior, a sua aparência era das mais lamentáveis. Era comprido e estreito e dividido em muitos compartimentos que pareciam mais currais de ovelhas que outra coisa. Naturalmente, havia sido construído só de palmitos e a cobertura era de fôlhas de palmeira. As paredes eram de pau-a-pique e haviam sido uma vez cobertas de barro. Mas como, de tempos em tempos, o Garcia transbordava, provocando enchentes que atingiam o barracão, o barro havia caído e jazia, misturado com lama, no chão, dentro e fora do barracão. Janelas e gateiras tinham sido julgadas desnecessárias e a porta ainda não havia sido colocada na abertura a qual, assim, fornecia uma farta ventilação para o interior. O soalho era de terra batida, que haviam esquecido de aplinar. E, para completar o quadro, uma junta de bois havia feito do Barracão seu quartel general e os quais, de quando em quando, mudavam de um para outro compartimento, deixando em cada um dêles evidentes e legítimos sinais de sua ocupação. A pobre construção fôra denominada "Casa de Recepção de Imigrantes" e as respectivas divisões eram chamadas quartos. Os imigrantes recém-chegados, por felicidade, não haviam ainda esquecido os trabalhos que haviam passado a bordo do navio que os trouxera e por isso ocupavam o barracão sem reclamar. Sòmente alguns, que, na Alemanha, tinham visto melhores dias, entravam a resmungar coisas que, certamente, não eram lá muito lisonjeiras. Mas, de que poderia isso servir agora? Agora era tocar para d'ante e levar tudo pelo me'hor, com paciência e alegria. E, realmente, as coisas se sucederam de maneira melhor do que a esperada. Uns ajudavam os outros a suportarem e a se acostumarem à nova pátria e ao novo lar e, em pouco tempo, também o Barracão se tornara habitável e suportável.

Realmente, para nós, que tivemos que ocupar o barracão de imigrantes, foi aquêle, o pior tempo que passamos. Não havia ajuda pecuniária por parte do govêrno; a maioria era paupérrima e alguns até estavam carregados de dívidas quando aqui chegaram e trabalho remunerado era bem raro. Ainda por cima tínhamos que suportar um calor medonho e prolongado, os insetos de que a gente não sabia como se livrar, a mudança de alimentação, os inconvenientes da aclimação etc. Muitos também sentiam saudades. Mas, o remédio era fazer tudo por acostumar-se. Para alguns a coisa foi fácil. Mas outros, só a duras penas, com muitas lágrimas e suspiros podiam esquecer a velha Pátria distante que nunca mais veriam. Realmente, é duro destacar-se da terra em que se nasceu e onde se passou a mocidade." Eis como o nosso colono-escritor viu e sentiu os primeiros anos de Blumenau. E, como êle, todos os que para cá vieram, tiveram os seus dias de tristezas e sofrimentos até que pudessem contemplar, felizes, a grandeza da nossa terra e também fruir do bem estar de nossa gente.

UM ANTIGO CALENDÁRIO E O QUE ÊLE NOS SUGERE

Dr. Carlos Fouquet

A revista mensal "Blumenau em Cadernos" estampa, na sua edição de abril de 1968, 4º. Caderno do Tomo IX, esta referência a uma antiga publicação: "Parece que o primeiro almanaque publicado em Santa Catarina, foi o "Santa Catharina Volkskalender", em língua alemã, editado em 1864. Não conhecemos o trabalho senão por referências e por um anúncio publicado no "Colonie-Zeitung", daquele ano".

O livrinho e-tá, hoje, esquecido. Na Biblioteca do Instituto Hans Staden, de São Paulo, na sua estante de "Obras Raras", encontra-se, entretanto, um exemplar em bom estado, talvez o único ainda existente.

O título exato é: "Sta. Catharinaer Colonie-Kalender fuer das Jahr 1864. Joinville. Redatoriado e editado por O. Doerffel". Sob a indicação do ano, estão as armas do Império Brasileiro.

Trata-se de um livrinho no formato de 18,5 x 12,5 centímetros, com 48 páginas, impressas em belas letras góticas e 24 páginas em branco, destinadas às anotações do possuidor.

O texto, assim como a parte material, honra o editor e a tipografia. Joinville já dispunha de cultura então, pouco mais de dez anos após a fundação da Colônia Dona Francisca.

As páginas de 1 a 25 contêm informações comuns aos almanaques, páginas de numeração não seguida, com dados extraídos dos registros da Colônia sobre meteorologia e conselhos sobre épocas de sementeiras e colheitas, sobre pomares e hortas.

Das páginas 27 a 30 constam dados muito exatos sobre a temperatura na Colônia nos anos 1855 a 1863. Ademais disso, esclarece-se o leitor a respeito do sistema brasileiro de moedas, medidas e pesos, sobre assuntos postais, linhas de vapores entre o Rio de Janeiro e Santa Catarina (quatro vezes por mês), sobre a Família Imperial do Brasil, assim como cônsules e ministros alemães e suíços no Brasil.

Destacamos dessa lista alguns nomes ainda hoje conhecidos: Dr. Ottokar Doerffel aparece como Cônsul de Hamburgo em Dona Francisca, João Otto Louis Niemeyer, como dito de Hannover, Reinoldo Gaertner como dito de Brunsvique, em Blumenau; Fernando Hackradt como cônsul da Prússia e da Suíça em Destêrro (hoje Florianópolis), Leopoldo Diederichsen como dito da Prússia em Santos e Ferdinand Schmid (que, sob o pseudônimo de Dranmor, mereceu de sua cidade natal, Zurique, pelo seu grande valor como poeta, um mausoléu em sua honra) como cônsul geral da Áustria no Rio de Janeiro.

Das oito páginas finais consta uma longa "Lista de livros recomendáveis" encimada por obras em língua portuguesa. Essa lista é bem um atestado do alto nível da Livraria de J. Auler, em Joinville, e dos seus fregueses.

Tôda a obra é instrutiva e destinada a ajudar, nas suas dificuldades, os imigrantes e colonos ainda estranhos na nova pátria. Não há a seção de entretenimento que ocupa grande espaço nos almanaques modernos.

A conjectura da redação de "Blumenau em Cadernos" de tratar-se

do primeiro calendário publicado em Santa Catarina, em língua alemã - talvez seja até o primeiro almanaque ali editado - é assim, confirmada, pois o Dr. Doerffel não se refere a uma edição anterior e, ao quanto sabemos, em Santa Catarina não havia, então, nenhuma outra tipografia capaz de imprimir livros em idioma alemão:

Além dêsse, haviam sido publicados, no Brasil, outros almanaques em alemão, dos quais, entretanto, não se encontram exemplares na Biblioteca do Instituto Hans Staden a aos quais apenas podemos fazer referências colhidas em antigas publicações. Não garantimos, por isso, a autenticidade dessas informações.

1) Em 1844 apareceu, no Rio de Janeiro, o primeiro Almanaque Laemmert, o qual, nos decênios de 50 e 60, do século 19, teve grande tiragem. É duvidoso que alguma das edições tivesse sido feita em alemão.

2) Em 1855 apareceu um Calendário para Pôrto Alegre;

3) Em 1856, Teobaldo Jaeger & Cia., em Pôrto Alegre, editou o Calendário "Der neue hinkende Teufel" ("O novo diabo coxo").

4) De 1858 a 1863, F. G. Busch publicou, em Petrópolis, o "Brasilia-Kalender".

5) Em 1861 e nos anos seguintes, apareceu em Pôrto Alegre, o "Deutsche Volkskalender fuer die Provinz São Pedro do Rio Grande do Sul", editado por Oto Stiener.

O próximo da relação deveria ser o nosso "Sta. Catharinaer Colonie-Kalender".

Mais tarde e até os nossos dias, apareceram muitos almanaques nos Estados do Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro (Guanabara). No seu conjunto, êles expressam uma documentação muito valiosa sôbre a colonização alemã e sôbre as relações comerciais e culturais entre o Brasil e a Europa Central.

O Instituto Hans Staden (São Paulo, Rua Comendador Crispiniano, 53 - 12^o.) possui a maior coleção dêsses calendários e se esforça por conseguir os que lhe faltam, solicitando a todos indicações a respeito,

O periódico "Blumenau em Cadernos" e o seu benemérito editor, J. Ferreira da Silva merecem agradecimentos pela indicação que nos oferece oportunidade de acompanhar as pegadas dos mais antigos almanaques. É de se esperar se encontre, entre os seus leitores, algum que possa nos ajudar.

De 1847 até 1874, o Govêrno Imperial do Brasil concluiu 33 contratos com diversas firmas e particulares para a introdução de imigrantes estrangeiros no Império. Entre êsses contratos estava o que foi feito com o Dr. Blumenau, em 1850. O Dr. Blumenau obrigava-se, por êsse contrato, a introduzir, na sua Colônia, 10.000 colonos alemães. O primeiro contrato para a introdução de imigrantes alemães foi feito pelo Govêrno Imperial com a companhia de Navegação e Comércio do Mucuri que se obrigava a trazer 3.000 imigrantes para as suas terras das margens do Rio Mucuri, em Minas Gerais (Colônia Filadélfia, hoje Teófilo Ottoni). Êsse contrato data de 1847.

REMINISCÊNCIAS

H. P. ZIMMERMANN

Gaspar, nossa cidade natal - perdão, tenho sempre falado de uma cidade; realmente Gaspar, naquela época, era uma simples freguesia e me parece, que nem mesmo figurava no mapa do Estado - bem, Gaspar tinha duas escolas públicas, uma para alunos do sexo masculino e a outra uma escola mista. Esta era dirigida por uma professora e a outra por um professor. Eram professores nomeados por força de apadrinhamento político, cousa que, conforme afirmam alguns, naqueles tempos, acontecia. Ambos não possuíam curso de formação pedagógica e creio que ambos apenas freqüentaram as escolas elementares das localidades em que nasceram e se criaram. Espécie ainda bastante rara em pequenas localidades, naqueles tempos, eram os professores formados, geralmente presentes apenas nas cidades maiores. Mas, estavam falando dos nossos "professores". A professora era uma senhora solteirona, que gostava de dar-se ares de "importante" mas que, realmente, era uma senhora irascível e neurótica, que podia mudar de geito de hora em hora, passando de um estado eufórico para um raivoso, cousa que os alunos temiam bastante. O professor, homem de certa idade, era um tipo bonachão, amigo de seus alunos, o que não impedia, que estes lhe pegassem peças de moleçagem de que certamente hoje muito se arrependem. Falava muito alto, costume adquirido por êle no trato com a espôsa, uma senhora boníssima, porém, bastante surda.

Recordando hoje os métodos de ensino empregados por esses professores, os esforços que faziam para que seus alunos aprendessem alguma cousa, confesso com toda sinceridade: eles merecem nosso respeito; não fôssem êles os esforçados que foram, a quase totalidade da juventude daquela época teria se criado analfabeta. Eu e minha irmã fomos alunos, primeiro da escola mista, depois eu passei para a outra escola. Lembro-me bem das matérias do currículo escolar. Todos os dias aprendia-se a tabuada pelo sistema dos "noves fóra", fazia-se contas de somar, de multiplicar e de dividir, sempre terminando com a prova dos "noves fóra". Depois aprendia-se a "lição", o que significava, que todos os alunos soletravam as páginas de uma cartilha, produzindo uma algazarra tremenda, em que ninguém se entendia e em que cada um por si, fazia o esforço máximo de soletrar o mais alto possível, para ouvir sua própria voz. Diariamente também se fazia uma cópia para praticar a boa caligrafia. Ter boa caligrafia, significava ser um aluno muito aplicado e requeria dêle certa concentração para desenhar as letras mais bonitas possíveis.

Dois anos fiquei na escola pública, para depois passar para a escola paroquial recém-instalada. Nela um professor de excelente formação e boa cultura ministrava o ensino primário aos meninos e às meninas matriculados. Foi então, que comencei a compreender, que aprender era mais do que fazer cópias e soletrar palavras. A escola paroquial naquela época foi realmente muito boa. Acontece, porém, que o professor, depois de três anos de função na mesma, deixou-a e mudou-se para Blumenau. A seu sucessor faltavam as luzes do saber, razão porque meu pai resolveu transferir os filhos

para a escola da comuna evangélica, que era dirigida por um professor de boa formação e cultura. Este fato, naqueles bons tempos, era considerado como verdadeira heresia, pois constituía fato de rebeldia, um católico fazer os seus filhos frequentar a escola evangélica. Mas, também isto passou e a nossa formação espiritual nenhum dano sofreu naquela escola, pois não participávamos do ensino religioso que nela se ministrava.

Oito anos, durou ao todo, o meu tempo de escola primária. Tenho as melhores recordações dessas pequenas escolas de Freguesia, especialmente das escolas particulares. Nelas desenvolviam-se os conhecimentos dos alunos até um grau equivalente ao segundo ano dos cursos ginasiais atuais. Os alunos que deixavam as escolas primárias, quando resolviam continuar estudos ingressavam sem qualquer dificuldade nos cursos ginasiais, sem necessidade de previamente frequentar um cursinho de preparação para o exame de admissão.

A escola pública estava localizada numa das faces da praça pública da Freguesia, hoje bem ajardinada, mas naquela época um campo sem árvores onde apenas cresciam capim e guaxumas. Em direção Norte-Sul ela era cortada por uma larga vala, que dava escoamento às águas pluviais vindas do morro da Igreja. Nossa melhor distração no recreio, era pular esta vala de um lado para outro, com auxílio de reforçadas canas de bambú. Nela os alunos também costumavam esconder-se do professor, quando deviam ficar do castigo que êle lhes impunha. Fugiam pelas janelas da sala de aula e no dia seguinte reaperciam, sem que houvesse qualquer problema maior. Creio que o professor nunca pensou seriamente em castigar os alunos rebeldes e pouco aplicados, porque, se os deixava de castigo depois da aula, as janelas da sala ficavam abertas e por elas os alunos escapavam.

Já nas escolas particulares o regime era bem diferente. Enquanto na escola pública a palmatória impunha respeito, nas escolas particulares a vara de marmelo era a batuta na mão do mestre. E êles não economizavam muito o seu emprêgo. Acho, que isto foi bom, porque os meninos eram como que pequenos selvagens, que necessitavam de algo mais convincente do que simples conselhos, para comportar-se bem na escola. Nessas escolas fazia-se também ginástica sueca e em aparelhos, o que muito contribuiu para o desenvolvimento físico dos alunos, tornando-os mais ágeis e mais desenvoltos.

Não me lembro mais o motivo, mas um dia surgiu séria desavença entre os alunos das escolas públicas e os das escolas particulares. De simples provocações no comêço, a cousa foi progredindo até que resultou em luta aberta. Tapas e ponta-pés, empurrões e luta livre em ação, mas estas práticas já não satisfiziam as partes beligerantes. Precisavam de algo mais eficiente para vencer os adversários. Foi então, que em Gaspar o lírio bravo, hoje tão usado na fabricação de celulose, teve a sua primeira aplicação útil. De seus caules fazíamos uma espécie de chicotes, para serem usados nas lutas entre os grupos. Eram "armas" bastante eficientes e quem com elas recebia uma ou duas vergastadas no lombo ou nas pernas, rapidamente desistia da luta e tratava de pôr-se a salvo de novas investidas. O campo de luta preferido, era o local da bifurcação da estrada Blumenau-Gasparzinho, ponto ideal para armar ciladas e emboscadas nas margens do ribeirão, ainda cobertas de capoeira. Hoje êste local foi nivelado, faz parte da rua principal de Gaspar e quando o revejo e recordeo as nossas memoráveis lutas e vejo as transformações por que passou, fico pensando, que hoje uma luta de adolescentes alí não teria

o aspecto romântico e autêntico dos tempos passados. Também, por certo, as armas que então usávamos, hoje seriam substituídas por outras mais eficientes, capazes de liquidar definitivamente com o adversário.

As lutas entre os alunos das diferentes escolas tiveram um fim inesperado. Os pais dirigiram-se aos professores e estes passaram a acompanhar os seus alunos até o ponto "crítico" acima citado, depois do que se dispersavam. Aos intransigentes, aos que pensavam que o adversário de ontem deveria ainda ser punido com algum tratado de paz dracônico, os professores sabiam acalmar através de punições que lhes tiravam o gosto de pensar na continuação da batalha interrompida.

O tempo passa, nós envelhecemos, os usos e costumes mudam, muita coisa então existente já não mais tem razão de ser e em seu lugar apareceram outras, mais modernas e mais adequadas à mentalidade atual. Uma coisa, porém gravou-se bem nitidamente em meu espírito e creio, que também no espírito de meus contemporâneos: Nossos pais e nossos professores tiveram o cuidado de nos ministrar uma educação moral e cívica, que nos imunizou contra os germens da rebeldia e da indisciplina. Nós podíamos nos considerar meninos e jovens bem comportados e sabíamos de nossa responsabilidade para com a sociedade e a pátria.

A geração atual estuda por métodos mais modernos e a técnica domina em escala crescente a vida dos homens. Talvez seja por isto, que a geração atual não encontra mais aquela satisfação de ser, que nós experimentávamos quando éramos moços. Parece, que os jovens de hoje procuram algo que nunca encontraram. De quem será a culpa disto? Da geração mais velha, que não compreende a mais jovem, ou desta, que não compreende a mais velha? Deixemos de divagações. - Os sociólogos que resolvam estes problemas, enquanto continuemos a fixar as nossas reminiscências.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 3,00 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

A primeira tipografia que existiu no Brasil, foi estabelecida pelos holandeses na cidade do Recife, entre os anos de 1634 e 1654, quando do governo de Maurício de Nassau. Nella se imprimiram algumas brochuras, de uma das quais a Biblioteca Fluminense, do Rio de Janeiro, possui um precioso exemplar intitulado: "Brazilshc Gelt" (Bolsa de Dinheiro Brasileiro, em que se mostra com clareza o que foi feito do dinheiro dos acionistas da Companhia das Índias Ocidentais; impresso no Brasil, na cidade do Recife e na Tipografia de Brec, no ano de 1657, In-4^o). Vencidos e expulsos os holandeses desapareceu com eles esse valioso instrumento de civilização.

Correspondência do Dr. Blumenau

Concluimos, neste número, a interessante missiva do Dr. Blumenau, iniciada na edição anterior

Quais os pontos — números! — onde se encontram moitas de bambú? Uma, pelo menos, deveria estar enorme, pois plantei-a em 1858 ou 59, e em 1884 já estava densamente ramificada. Convém derrubar êstes bambuzais imediatamente, e que se venda as varas, caso haja possibilidade. Onde existiu uma touceira de bambú mais ou menos densa, só depois de um ano, após a derrubada, pode ser construída uma casa ou preparado um leito de rua, sem consideráveis despesas, quando então o profundo raizame terá apodrecido e amolecido um pouco. Melhor, contudo, seria esperar-se dois anos, cuidando-se de cortar todos os brotos novos, tarefa que poderia realizar até um rapazinho, munido de facão. Tivesse o Senhor a minha experiência, que adquiri outrora, quando eu, Urban e José Stieg, trabalhávamos por vêzes com machados, machadinhas, enormes malhos de madeira, alavancas de ferro e de madeira, para conseguir, em mais de uma jornada, retirar apenas uma única cepa com algumas varas — o senhor teria derrubado, logo de início, todos os bambuzais existentes. A melhor época para a exterminação é durante os meses de janeiro e fevereiro, quando então os brotos novos têm a altura de um homem, ou pouco mais. Pelo corte, escorre a seiva para a terra e as raízes morrem. Querendo-se fazer mudas convém esperar exatamente até meados de abril, quando, então, os brotos tiverem já a resistência necessária. É preciso escavar a cepa, com as respectivas raízes, profundidade, ou, de preferência, de um palmo a mais. Não são, aliás, as espécies de bambús-touceiras as indicadas para a segurança das margens de rios caudalosos, pois as águas turbulentas conseguem arrancá-los, abrindo fendas enormes nos barrancos. Isso ocorreu várias vêzes, principalmente, em 1880. Se existissem, já nos primeiros tempos, os Quakum bambús, eu teria plantado unicamente esta espécie nos barrancos expostos a fortes correntezas. A diferença entre as duas qualidades, consiste na peculiaridade do bambú de touceiras densas criar cepas fortes, formando bloco, brotando as varas das mesmas, em profusão, uma perto da outra, formando feixes enormes, enquanto que no Quakum-bambú, brotam as varas em separado, se bem que por vêzes, com pouca distância, tendo raizame muito denso, e constando as raízes transversais de propagação, de um barço muito forte, não muito profundas, quase à flor da terra, segurando o solo melhor contra a força das águas.

À espécie dos Quakum-bambús, dos quais, igualmente, como nos bambús de moita, existem muitas qualidades, pertence também o bambú de Bengala, por mim trazido em 1883, do Rio de Janeiro, e plantado no terreno ocupado então por Lallemand. Segundo me contou H. Baumgarten, agiu o velho Sametzky com mais decência e compreensão que — infelizmente! — muitos outros, tendo plantando mudas na sua propriedade na Velha, onde propagaram-se abundantemente, tendo servido já à fabricação de móveis — bravo! — foi um prazer para mim. Êste bambú, portanto, convém ser plantado à beira do rio, como de córregos turbulentos, até a chegada de outras qualidades, que eu, no outono, pretendo despachar à Kulturverein (Baumgarten), juntamente com outras plantas úteis e sementes. Dirijo o meu pedido ao Senhor, como a outras pessoas prestativas e dedicadas ao bem-estar comum, de dedicarem-se também um pouco a êste assunto de utilida-

de pública. O mencionado bambú convém ser plantado também à beira do rio e no ponto de Ponta Aguda, não muito distante da divisa superior, por mim assinalado, na planta de Odebrecht, que eu lhe mandei e na qual Krohberger procedeu ao desenho do parcelamento em lotes, como ameaçado de rompimento pelas águas nas grandes cheias.

Os Quakum-bambús são os únicos, com exceção, talvez, dos Siam-bambús, que se multiplicam mais do que os bambús de touceira: de fevereiro a meados de março, mais ou menos, retiram-se varas mais novas, previamente podadas, deixando apenas algumas ramagens, escavando-se com muito cuidado o suficiente para não prejudicar as raízes e os barraços laterais, tomando cuidado para não expôr a muda ao sol, ou deixando as raízes secas, mas embrulhando-as imediatamente em capim bem molhado, envolto em um saco, após ter sacudido ou tirado com água o barro grosso. Em transportes mais demorados, se não deve descuidar de mergulhar o molho uma a duas vezes ao dia dentro d'água. Ao ser plantada, a terra deve ser bem afogada, e a muda posta uns três dedos mais fundo, do que anteriormente, no solo, segundo a marca mais clara na vara, e os barraços inclinados para baixo, para ficarem ainda a um palmo abaixo do raizame da muda. Em fins de junho é o tempo do transplante, limpado do capim, com muito cuidado, para não prejudicar os barraços, dos quais sairão brotos na primavera ou início do verão, contrário aos bambús de touceira, que brotam em pleno verão. Os brotos novos são quebradiços como vidro ou espargo, de maneira que não convém andar-se por aí, nesta época, afastando-se, principalmente, qualquer espécie de gado, que, além do mais, procura este alimento, apesar de ser duro na superfície.

Nova capinagem torna-se necessária ainda na época de fins de janeiro - meados de fevereiro, do terreno adjacente, pois é chegada a época da nova brotação.

Mais tarde, quando a plantação estiver densa e fechada, morre não só o capim dentro da mesma, mas até arvores altas, de tronco grosso, como tive ocasião de observar no Rio. É fácil, entretanto, limitar a plantação nos pontos onde não se deseja a sua expansão: deixa-se crescer os brotos novos, até que as varas comecem a perder a moleza perto do solo, sem estarem endurecidas de vez, quando são cortadas então rentes ao chão, tarefa que qualquer rapazinho pode executar, enquanto as varas, cortadas em pedacinhos, representam uma forragem predileta do gado. Assim poder-se-ia tornar produtivo os terrenos úmidos e pantanosos.

Experiências superam os estudos! Onde se pretende conservar a plantação, deixa-se as varas na distância de 1½, 2 - 3 metros, bastando para a exterminação completa, o corte de todas as varas, e dos brotos ainda nos próximos meses. Mais simples e rápido é o transplante do Quakum-bambú, através de mudas das raízes-barraços; entre 20 a fins de março, de preferência, procura-se estes barraços, retirando-se a cobertura de terra com muito cuidado, para não machucar os gomos, existentes nos mesmos. Cortam-se os barraços, aí mesmo, em pedaços de três gomos cada um, devendo um destes, no mínimo, estar bem desenvolvido e com raizotes. Estes pedaços retira-se cortando profundamente a terra com uma pá afiada. Estando perto o local da plantação projetada, coloca-se os pedaços presos ainda ao barro escavado, no terreno preparado, limpo e afogado, 4 a 5 cm mais fundos

do que no local de onde foram tirados, cobrindo-os com terra fôfa, depois ramagem e capim cortado, etc., por cima, como defesa contra o sol, fortes aguaceiros ou frio. Se crescer capim, é preciso arrancá-lo com cuidado, pelo menos, próximo ao local, onde se encontra a muda. Outra limpeza será necessária, provavelmente, em junho, e depois apenas quando os brotos já tiverem saído do solo. De então em diante, até maio do ano vindouro, convém limpar, no raio de um metro, ao redor de cada brôto, uma a duas vezes ainda, como afofar também a terra. Limpa-se e afofa-se a terra, onde se quer que a plantação se desenvolva, pois a mesma pretere expandir-se a êste local arejado, onde apanha mais sol, e corta os brotos que, por ventura, ainda nascerem em outro lugar. Caso se queira plantar êste bambú na margem do rio, convém pôr as mudas no alto do barranco, para não sofrerem, no início de seu desenvolvimento, o dano das cheias, limpando-se o barranco, da maneira descrita, e não o terreno para o interior, onde se corta os brotos para forragem, ou retira-se as raízes-baraços com o enxadão, limitando-se, assim, o desenvolvimento da plantação barranco abaixo.

Se as mudas de Quakum-bambú são destinadas a um transporte mais prolongado, procede-se da mesma maneira acima descrita, mas retira-se o barro prêso aos pedaços de raízes-baraço, com muito cuidado, para não machucar as raizotas, empacotando estas mudas de preferência, em serragem velha bem umedecida, ou terra bem fôfa, envolvida em sacos, mas de maneira que um gomo de cada muda receba algum ar. Durante o transporte deve ser abrigado do sol, e de muito calor, e submerso, durante uns 10 minutos, na água, diàriamente, deixando-a escorrer durante a noite. Convém levar as mudas, assim empacotadas, dentro de um caixote. Desta maneira agüentam as mudas um transporte da duração de semanas, sendo possível, assim, o envio a pontos longínquos do Estado.

O Quakum-bambú, ou pelo menos, a maioria da respectiva espécie, agüenta neve e geada. Se a época da plantação das mudas, por mim indicada, é mesmo a mais própria, só a experiência poderá comprovar, pois depende muito do clima e das estações da região. O plantio das mudas de raízes, se processa mais ou menos do mesmo modo como o das mudas de brotos, agindo-se com rapidez' ao colocá-las dentro da vala de uns 7 a 8 cms. de profundidade, para não secarem as raizotas, nem por instantes. As valas devem ter a devida largura, para que as raizotas seja desembaraçadas, e prende-se as mudas com um ganchinho de qualquer árvore, antes de cobri-las com terra fôfa, ramagem, capim, etc.

O senhor, como bom cidadão e hábil comerciante, faria bem em mandar plantar na sua possessão de terras no Rio Itajaí do Sul, 1 a 2 dúzias destas mudas de bambú, do Bengala e posteriormente ainda de outras qualidades, para espalhá-los daí adiante.

Também nas suas pastagens, nas margens úmidas do Garcia, seria bom colocar mudas nos pontos mais secos, que certamente defenderiam melhor as margens contra desbarrancamentos, do que as moitas de bambú-touceira piantados por mim, outrora, aí Deveriam naturalmente, os cavalos e vacas ficarem afastados daí durante 3 a 4 meses, no início do ano, até que as varas novas se tornassem rígidas. Como nos aspargos, as varas apresentam desenvolvimento completo apenas no 3º e 4º anos, após o plantio, vindo então tôdas as varas a terem a mesma grossura, enquanto o desen-

volvimento não fôr interrompido para transplante, etc. As varas do Quakumbambú necessitam para o enrijecimento completo, tornando-se dura, elástica e resistente contra o bicho carpinteiro do bambú, de 4 a 5 anos enquanto que o bambú-touceira de 7 a 8 anos.

Não posso estender-me mais aqui e mesmo já escrevi a êste respeito, há tempos, a Victor Gaertner, e pretendo informar sôbre êste e outros assuntos úteis, ao Kulturverein, para a divulgação. Não é e não foi uma tarefa fácil para mim, e o assunto é o resultado de pesquisas em livros alemães, francêses e inglêses, de respectivas revistas e das minhas próprias observações e conjecturas, durante várias décadas, porém eu me sujeitei e sujeito enquanto posso a êste trabalho penoso, para ser útil, em primeiro lugar aos blumenauenses e também a círculos maiores. O senhor, sendo, segundo supponho, também membro ativo do Kulturverein, prestaria bom serviço à coletividade divulgando tais assuntos em tôdas as ocasiões próprias, e se ajudasse a levá-los ao conhecimento dos colonos, também dos ítalo-tirolezes e italianos, entre os quais eu encontrei, geralmente, mais compreensão e boa vontade do que entre os alemães, principalmente os do Norte da Alemanha, e pomeranos cabeçudos. Como é que os colonos podem saber dos progressos em processos agrícolas, de métodos novos e comprovados, de experiências necessárias de melhoramentos importantes para o proveito e progresso geral, se ninguém os informa a respeito e os anima a experimentar tais melhoramentos importantes e se os homens preponentes e líderes espirituais da população não cumprem com as obrigações de sua posição neste sentido, se cada um só quer cuidar de seus assuntos e negócios, no máximo assumindo atitudes de orientação nas algazarras políticas, relegando o "Kulturverein" ao dôce descanso, não dispondo de tempo para fins de utilidade publica, e não dispendendo dinheiro e boa vontade para a divulgação, por impressos, de assuntos sumamente importantes para o progresso da coletividade. Qualquer homem compreensivo deveria compenetrar-se da necessidade de colaborar neste sentido, os tais de "comerciantes" deveriam olhar para o futuro, e aquêles que não enxergam além da ponta do nariz, estarem cientes da suma importância de sua cooperação, pois hoje já está decaindo, quem não vai para a frente. Sem o melhoramento dos produtos, não há também progresso nos negócios.

A juventude em formação vai dar um bom elemento; se êles não querem aprender a experimentar nada, vão acabar tendo menos conhecimentos do que os velhos imigrados!!! Eu tenho um interêsse profundo no assunto, mais de coração e alma, ao que parece, do que a maioria dos blumenauenses, pois êles mesmos, ou os filhos, terão lucros concretos, ao passo que eu só gasto tempo e dinheiro nêle.

Folguei em saber que ainda existem os abacateiros na Ponta Aguda, que, limpos das parasitas, certamente também darão, de novo, frutos. Para mim e muitos outros, o abacate é, depois da manga, a melhor das frutas tropicais. O Senhor deveria agir para o aumento de seu plantio, através dos caroços de frutas de muita polpa e pedra pequena. Põe-se o caroço em terra úmida, com a parte mais larga para cima e uma cobertura de terra na espessura de três dedos, logo após ter sido retirado da fruta madura, até o plantio definitivo. Não convém deixá-los ao ar livre durante dias, antes de pô-los na terra, pois não brotam tão bem, e muitos nem brotam mais. Plantando-se o caroço imediatamente no lugar certo, onde o solo foi reme-

xido e afogado até boa profundidade, os abacateiros desenvolvem-se mais rapidamente, dando trutas já após 6 a 8 anos. Transplantado de vasos, o crescimento leva geralmente muito mais tempo, pois o abacateiro forma uma forte raiz-mestra, que, nos vasos, sofre atrofiamento, e, ao que parece, leva depois anos para novamente formar tal raiz. Lá em cima, na Subida, onde ainda aparecem palmitos, deve crescer também o abacateiro. Convinha, entretanto, não plantá-lo nos vales, onde as geadas ocorrem geralmente mais fortes, e sim, mais nos pontos altos e mesmo nos morros. No México, sua pátria de origem, onde existe mais ou menos uma dúzia de espécies diferentes, o abacateiro é conservado nos matos e plantado não só para o alimento humano, mas também para o gado, principalmente para os porcos. A polpa do abacate é preparada lá como verdura, salada salgada, ou cortado em pedacinhos e servido em taças de refresco de vinho. Também apenas com sal e pimenta, como em diversos países o melão doce, mas geralmente se prepara o abacate como no Brasil, amassado e com açúcar e vinho.

Se os pés de Pandanus, que eu plantei na Ponta Aguda e no Morro do Aipim, devido á construção de edificios, ou de outros motivos, devem desaparecer, será uma pena. No Keiner e, se não me engano, também no Kegel, eu plantei alguns pés, que deram frutos, e de cujos caroços eu criei outros. Três caroços colocados dentro de um vaso com o barro, deram, geralmente, depois de 6 a 8 meses, umas 8 ou mais mudinhas.

COISAS DA NOSSA TERRA . . .

Charles MÜLLER

Contam os mais antigos que existia em Blumenau, lá pelo início do século, um verdadeiro temor a uma ponte situada nas proximidades da nossa Igreja Evangélica, no início da Rua Amazonas. Hoje, no mesmo local, ainda existe uma ponte, só que de concreto, moderna e espaçosa.

Mas, naquela época, ela era de madeira, fechada nos lados e coberta de zinco.

Sem iluminação pública, sua aparência, à noite, era mais do que sinistra.

Colaborava para aumentar êsse temor, a existência do cemitério evangélico nas proximidades.

Pois bem; quem morasse na Garcia ou na rua hoje conhecida como Pastor Hesse, passava um verdadeiro vexame ao se dirigir, à noite para casa. A não ser que fôsse de espírito forte e destemido, a longa caminhada pela Alamêda das Palmeiras, até chegar à fatídica ponte, deixava o indivíduo com os nervos à flor da pele.

Parece que podemos até presenciar o que então acontecia: um cidadão, sozinho, lá pela meia-noite, a caminhar com passos rápidos, assobiando desesperadamente, para ver se afugentava os "maus espíritos" da ponte.

Que angustiante passagem!

Quanto alívio ao deixar para trás aquêlê pesadelo.

Não sabemos se algum dia um blumenauense mais afoito chegou realmente a ver fantasmas naquela ponte.

O certo é que a lenda ficou.

E só desapareceu quando a ponte foi derrubada e em seu lugar surgiu outra, com linhas modernas e, parece, completamente livre de "fantasmas".

Coisas de nossa terra . . .

EDITE GAERTNER

Quem a conheceu, já bem velhinha, isolada, como preferia viver, no paradisíaco recanto de seu imenso jardim, cercada de uma dezena de gatos, a tratar, meio trêmula e trôpega, o velho papagaio e o ainda mais anoso jabuti, mal poderia imaginar que ali estava, nos últimos meses de vida, uma mulher de grande cultura e uma artista que teve atuação brilhante nos palcos alemães dos primeiros lustres deste século.

Depois de uma vida bastante aventureira para uma descendente de austera família colonial, para uma blumenauense criada no restrito círculo social de uma cidade, que o era, mais por disposição de lei do que pelo insignificante desenvolvimento urbano, Edite Gaertner fechou-se em sua propriedade, vivendo, apenas, para si mesma, por uma ou outra amiga e para os seus animais, pelos quais sentia tal afeição que era capaz, mesmo, de grandes sacrifícios e de heróicas renúncias para aliviar-lhes os sofrimentos ou satisfazer-lhes os caprichos.

Ciumenta das árvores e dos seus bichos, exercia indormida vigiância sobre o seu parque, principalmente na parte que dava para o pátio da Prefeitura e na que o Ribeirão Garcia servia de limite. Pela primeira, não



Em seu jardim, Edite Gaertner amava entreter-se com os seus animais

eram raras as invasões de elementos que não sabiam como fogar escrúpulos e conveniências diante de uma jabuticabeira carregada de frutos negros e suculentos, ou dos caquis e abacates maduros que balançavam, tentadores, ao sabor das frescas brisas da tarde. Pelo lado do rio, eram os pescadores que, nos intervalos da sua perseguição aos carás e às piavas, invadiam o parque, um pouco por curiosidade e muito por encontrar uma fruta com que mitigar a fome, depois de horas inteiras de esperar por fisgadas problemáticas dos poucos peixes que os resíduos das grandes fábricas ainda não haviam afastado das águas do já histórico e violento ribeirão.

Os dias de amadurecimento das jabuticabas, eram-lhe de inquieta apreensão. E não raro, tomava da sua cadeira de braços, de seu Goethe predileto e sentava-se à sombra da árvore, por cujos troncos e galhos os

frutos subiam desde as raízes, negrinhos, a rebrilharem ao sol, levando água à boca dos operários da Prefeitura que se contentavam, então, a cobiçá-

los pelas frestas do cercado de tábuas. E ali ficava o dia todo. Também, tantorazia ler ali, ao ar livre, ou na varanda de sua casa. Ler ou deixar a imaginação vagar pelo passado, revivendo a sua estada na Argentina, ao lado da irmã e do cunhado, em senhorial e confortável mansão, ou na Alemanha, pisando os palcos de maior prestígio da pátria de seus pais, festejada por aplausos que os grandes órgãos da imprensa confirmavam em longas e elogiosas críticas.

Querida e cortejada, frequentando os melhores círculos sociais, onde a sua discreta beleza e a sua elegância não eram menos notadas que a cultura, que transparecia do seu palestrar, ela se impunha por um quê de dignidade que conservou até os últimos dias de sua vida.

Edite nascera em Blumenau a 22 de Março de 1882, a última dos oitos filhos do casal Victor e Rosália Gaertner. Esta distinguira-se, na modesta sociedade blumenaense do seu tempo, como artista de palco. Sua paixão pela arte cênica, levava-a a fundar um grupo teatral, que aproveitou, para as suas apresentações, o modesto palco da Sociedade de Atiradores, fundada um ano antes, em 1859. Foi êsse grupo que, reunindo os melhores elementos da sociedade e, evoluindo sempre, transformou-se, nos fins do século passado, na Sociedade Teatral "Frohsin," e, em 1936, na atual Sociedade Dramático Musical "Carlos Gomes". Victor Gaertner, que era sobrinho do Dr. Blumenau, filho de uma irmã dêste, viera para Blumenau em 1853 e, depois de auxiliar por, algum tempo, o tio na administração da Colônia, abriu uma casa de comércio, em prédio construído ao lado de sua residência, e que ainda existe, abrigando uma das dependências da Biblioteca Pública Municipal, na Alameda das Palmeiras. Foi, também, e por 21 anos seguidos, cônsul da Alemanha em Blumenau.

As primeiras letras aprendeu-as Edite com o professor Theodoro Draht com aulas particulares, em sua residência e, posteriormente, na Escola Nova dirigida pelo pastor H. Faulhaber.

Quando contava 6 anos de idade, ficou órfã de pai. Sua mãe passou, então, a dirigir todos os encargos do marido, no que, aliás, devia ter-se saído bem, pois até a época de sua morte, em 1900, aquêles negócios prosperaram.

Com o desaparecimento de D. Röse, (como Rosália era, carinhosamente, tratada,) os filhos foram se separando. Sua única irmã, Elsa, que fôra auxiliar de professôra da Escola regida por Apolônia von Buettner Scheffer seguiu para Argentina, onde se casara com um certo senhor Seyppel, juntamente com dois dos seus irmãos. A êles foi se juntar, em 1902, contando, portanto, 20 anos de idade. Por interferência de amigos, conseguiu um lugar de governanta numa família de fazendeiros inglêses, no Uruguai. Mas aí não permaneceu por mais de um ano.

Na Argentina, em casa de um médico, que estivera em Blumenau e aqui se tornara amigo da família, chegou a conhecer a grande Eleonora Duse, no auge da sua gloriosa carreira. A artista causou-lhe tal impressão que, por tôda a vida, guardou dela a mais viva e carinhosa lembrança.

E é igualmente certo que êsse conhecimento influiu, decisivamente, no seu propósito de dedicar-se à vida de teatro. Seus irmãos prontificaram-se em garantir-lhe os estudos e a estada na Alemanha, para onde se-

guiu, matriculando-se na Escola de Arte Dramática de Berlin, estabelecimento que gozava da fama de um dos mais eficientes do Mundo. Terminado o curso de quatro anos, Edite passou a figurar no elenco de vários grupos teatrais, representando peças nas casas de espetáculos dos mais importantes cidades alemãs. Figurou, por último, nos elencos dos teatros comunais de Mainz e de Leipzig. Essa atuação, nos palcos alemães, durou por uns vinte anos, durante os quais colheu os maiores encômios da crítica especializada. Constam hoje, do Arquivo Municipal de Blumenau, dezenas de recortes de grandes periódicos alemães, com apreciações sôbre a capacidade artística de D. Edite, em representações de peças de renomados autores como Ibsen, Tolstoi, Schiller, Goethe, Shakespeare, Molière, isso sem mencionar muitos mais



Edite Gaertner, em caracterização de uma das peças que representou

de menor estatura. Essas críticas são unânimes em destacar a excelente dicção, a mímica expressiva e correta, todo o jôgo de cena bem trabalhado que Edite Gaertner levava para o palco. Representou o difícil papel de Ofélia, no "Hamlet" e o de Julieta, no "Romeu e Julieta" de Shakespeare; o de Margarida no "Fausto", de Goethe, de Inês em "Johannisfeuer", de Sudermann e muitos outros, em todos colhendo os mais merecidos aplausos. Foi, realmente, uma grande intérprete de obras imortais e, como tal, poderá, com justiça, figurar na galeria dos "Blumenauenses Ilustres".

Sucedeu que, durante a sua longa ausência da casa paterna, muitas coisas sucederam em Blumenau. Seus irmãos Erich e Arnaldo encontravam-se sós, necessitando dos cuidados da irmã. O último, atacado de diabetes, tivera uma das pernas amputadas, ficando em difícil situação, quase impossibilitado de governar-se.

Para atendê-los, Edite Gaert-

ner sacrificou a sua carreira.

Regressou a Blumenau, em 1924 e passou a viver em companhia dos dois irmãos, cuidando dêles até a morte de ambos.

E 1928, Edite voltou à Alemanha, onde permaneceu, por quase um ano, revendo as cidades em cujos teatros colhera tantos louros. Passou o inverno em Berlin, assistindo a diversos concêrtos sinfônicos, dirigidos pelo grande Furtwengler por quem sentio verdadeira adoração. Guardava dêsse

celebrado maestro e famoso regente, as mais gratas recordações, reunindo tudo quanto era publicado a seu respeito. Várias fotografias dêle, assim como de Eleonora Duse, encontram-se entre os seus papéis. Aproveitou a sua estada, na Alemanha, para lembrar a sua atuação como artista assistindo a representações teatrais, a concêrto e óperas. Não perdia um único espetáculo. Também os jardins zoológicos e parques botânicos eram seguidamente visitados, assim como exposições de cães e gatos. Por êstes últimos, e'a sentia particular predileção, mantendo, posteriormente, em seu retiro em Blumenau, um grande número dêles.

Depois disso, regressou à terra natal, vivendo quase que exclusivamente para os seus livros, os seus animais, o seu magnífico parque e as recordações do seu passado.

Fêz ainda uma viagem a Argentina para visitar sua irmã Else Seyppel que vivia na cidade de Rosário, onde permaneceu poucas semanas.

Retirada, praticamente, do mundo, vivia uma vida quase que exclusivamente para si mesma. Poucas eram as suas relações. Cultivava, entretanto, quatro grandes amizades: a das famílias de Otto Rohkohl, seu vizinho e de Luiz Rischbieter, a da romancista Gertrudes Gross-Hering, a do político e escritor Marcos Konder e a da Professôra Alice von Moers, também escritora a que "Blumenau em Cadernos" deve diversas e excelentes colaborações. Alice von Moers, que vivia, ultimamente, em Florianópolis, vinha sempre e, pelo menos, duas vezes por ano, passar dias e mesmo semanas em casa de D. Edite.

Herdando de seu pai e mesmo de seu tio-avô, o Dr. Blumenau, um grande interesse e até mesmo grande amor pela natureza, Dona Edite alimentava verdadeiro fanatismo pelas plantas. Não admitia que alguém retirasse qualquer muda de flôres do seu parque. Daí a preocupação, os sobressaltos, quando recebia algumas raras visitas que viessem acompanhadas de crianças, que não sabem conter-se diante de flôres e frutos sem pôr-lhes as mãos. As flôres murchas que encontrava pelo chão, ou as que alguma amiga ou parente lhe trazia, como é costume fazer-se, punha-as ainda em vasos e, carinhosamente, procurava mantê-las vivas tanto quanto possível.

Também o seu parque merecia êstes cuidados. Ali havia - e os há ainda - espécimes botânicos raros e seculares, alguns trazidos pelo Dr. Blumenau, de pontos distantes e, por êle mesmo, plantados, espécies raras de palmeiras, anosos representantes da flora indígena que ali já existiam antes mesmo da vinda dos primeiros imigrantes. Ê se parque integrara os terrenos que eram propriedade do próprio fundador e que êste, depois, vendera ao sobrinho, pai de D. Edite. Era contíguo ao que adquirira o vice-diretor, Hermann Wendeberg, e ao que o próprio Dr. Blumenau reservara para jardim de sua morada. Nêle existe ainda um exemplar da muito rara Gingko Biloba, a árvore sagrada dos chineses, considerada fóssil vivo, planta com que a espôsa do pastor Oswaldo Hesse presenteara a mãe de D. Edite, lá pela década de 70.

Tal foi o amor que dedicou ao seu parque que, tendo, em certa ocasião, o govêrno municipal projetado a abertura de uma rua que, margeando o Garcia, atravessaria os seus terrenos, D. Edite resolveu cedê-lo à Prefeitura, com a condição de que esta o conservasse tal como se encontrava. Assim ela teria, como teve, a garantia de que ninguém a perturbaria em seu retiro, enquanto ela vivesse e que, depois de sua morte, o parque seria mantido como bem público, testemunha dos primeiros dias da colonização, mostrando

aos blumenauenses de hoje como viveram os nossos antepassados, cultuando a natureza, no que ela tem de mais terno e acariciante.

Ao lado de sua paixão pelo parque, D. Edite, como dissemos, amava ternamente os animais. À dezena de gatos que sustentava, nada faltava. Os bichanos a rodeavam sempre, saltavam lhe ao colo e ela os acariciava com desvelado carinho. Essa sua apaixonante mania fôra causa, muita vez, de peças que lhe pregava gente pouco escrupulosa. Quando queria ver-se livre de algum gato que estava "enchendo" a paciência, essa gente soltava-o, tarde da noite, no quintal de Dona Edite. E muita vez, ela encontrava, no portal de sua residência, ninhadas de gatinhos, engeitados pelos que já achavam demais sustentar a gata que os havia pôsto no mundo.

Quando chegamos a uma maior intimidade com ela, pela proximidade de sua residência ao nosso local de trabalho, D. Edite possuía uns dez gatos, um velho jabuti e um papagaio também idoso. Muitas vêzes nós a observávamos de longe, sentada ao sol que dava de cheio na varanda de sua casa, a pentear o seu angorá de estimação, que mais tarde lhe morrera e que, como fazia aos demais que iam deixando, por velhice, êste mundo, levou à cova num sombreado recanto de seu parque. Ali havia, já, um bom número de sepulturas de gatos, ela mantinha bem visíveis, rodeando-as com seixos e conchas.



Outra vista do magnífico parque de D. Edite Gaertner

Numa manifestação de respeito a essa singular afeição de D. Edite, a Prefeitura vai conservar êsse "Cemitério de gatos" que já está sendo restaurado e se constituirá numa das mais interessantes atrações para os visitantes do "Museu da Família Colonial" em que será transformada a residência de D. Edite.

Essa afeição pelos animais, estendia-se aos pássaros. Tinha horror em tê los presos e não permitia que alguém os caçasse nos seus terrenos. Não raro, voltava ela de seus passeios pelo parque, trazendo alcapões e arapucas, que rapazes mais afoitos iam armar ali. E não os devolvia, por mais que suplicassem. As frutas do seu jardim eram para a multidão de sabiás, de sanhaços, de gaturamos, que por ali havia. Não permitia que se apanhas-se um único dos muitos frutos de que estava sempre carregado um alto mamoeiro, defronte de sua casa. Era ali que os sanhaços, ariscos e barulhentos, faziam o seu repasto diário, sob os olhares acariciado-

res da velha artista. Passarinho ferido, ou doente, que lhe viesse às mãos, era tratado com afetuoso cuidado e, logo que estivesse em condições, era solto.

O seu amor pelos livros não era menor que pelos animais e pelas plantas. Goethe era seu autor predileto. Conhecia tôdas as suas obras e possuía-as em várias edições. Costumava citar esta estrofe de Goethe, que bem casava com os seus sentimentos para com os animais e os passaros:

"Als ich eine Spinne totgeschlagen
Fragt ich mich ob ich das wohl gezollt,
Hat ihr Gott an diesen Erdentagen
Gleichen Anteil doch wie mir gezollt."

(Ao esmagar, hoje, uma aranha
Perguntei-me se me era lícito
Matar a quem Deus dera, como a mim,
Parte igual nos dias desta vida.)

Como mulher de relativa cultura, de fina inteligência, Edite Gaertner tinha o seu modo próprio de encarar as coisas, manifestando opiniões interessantes a respeito de ciências e de arte. Até a sua mais avançada idade, (morreu aos 84 anos) discorria sôbre música, sôbre literatura, sôbre arte e sôbre política, com grande conhecimento de causa.

Com ela, como muito bem manifestou o Pastor Evangélico, ao pé de sua sepultura, a conversação raramente permanecia na superfície ou se mantinha descolorida.

Foi uma personalidade marcante, embora, às vêzes, um pouco agressiva, de caráter áspero, mas sempre sincero. Defendia os seus pontos de vista com energia, sem se importar muito com as consequências.

Morreu tranqüilamente, a 15 de setembro de 1967, tendo sido sepultada no túmulo do seu avô, Julio Sametzki, voluntário da Guerra do Paraguai e um dos primeiros colonos blumenauenses.

Restabelecida a ordem pública no Estado de Santa Catarina, após os cruentos acontecimentos relacionados com a Revolução de 1893, a Câmara de Blumenau decretou emolumentos para os escrivães de paz do Município, visto que os mesmos não poderiam cobrar nada das partes pelos registros de nascimentos, casamentos e órbitos. O escrivão de paz de Blumenau receberia 600\$000 anuais, o de Indaial 400\$000 e o de Gaspar, 200\$000 também anuais. Os juizes de paz dêsses distritos (o de Blumenau era o Dr. Bonifácio Cunha) há muito não recebiam emolumentos pelos atos que praticavam. A gratuidade do registro civil, entretanto, não durou muito. Os escrivães acharam mais interessantes cobrar diretamente das partes, que eram mais generosas que o govêrno. Quem é que podia com o poder político dos escrivães de paz dos distritos?

ESTANTES DOS "CADERNOS"

"A SUPERFÍCIE" - Ricardo L. Hoffmann - Edições GRD. - Rio de Janeiro

Foi um amigo que nos chamou a atenção para o livro. Este não aparecera nas livrarias locais. Pelo menos não, o que soubéssemos. Foi "best-seller" e a edição se esgotara preste. O autor é blumenauense, filho de tradicional família. Seu avô, notável educador, destacara-se no magistério público e particular, como homem de muita iniciativa e de grande dedicação à causa do ensino. O pai, funcionário federal, teve singular propensão para as artes plásticas, tendo deixado alguns quadros que, sem serem obras primas, impressionam pela técnica e pelo bom gosto. Agora, o filho nos surpreende com os seus extraordinários dotes de escritor.

"A Superfície" é um livro que se lê com crescente interesse e em que não sabe o que mais admirar, se a fluência do estilo, que não cansa nem mesmo nas mais longas e permenorizadas descrições, se a capacidade do autor de retratar as suas personagens, penetrando-lhes até mesmo os mais íntimos refolhos da alma.

Aliás, é exatamente essa faceta admirável da capacidade psicanalítica de Ricardo Hoffmann que nos chama a atenção para o seu trabalho, ainda mais admirável por ser de estréia e que mereceu da crítica especializada irrestritos aplausos. Sem ater-se aos lugares comuns na descrição dos cenários, em se movimentam as figuras da narrativa, nota-se que o autor vive, em páginas atraentes, as tempestades que se desencadeiam no íntimo dessas figuras, algumas delas de verdadeiros torturados mentais. E é, mesmo, a história de uma alma torturada que Ricardo Hoffmann nos conta, desenvolvendo-a numa paisagem que se não precisa de muita argúcia para descobrir ser a do bairro de Itoupava, em nossa cidade, onde o autor viu transcorrer a sua infância. Com essa contribuição, recomendável como excelente, Ricardo Hoffmann enriquece a literatura de Santa Catarina e, especialmente, a do Vale do Itajaí, já bem volumosa, rica em forma e em conteúdo, com um trabalho merecedor de leitura e de figurar em lugar de destaque entre as boas produções da atualidade literária brasileira.

Registrando, embora tardiamente, o aparecimento de "A Superfície", felicitamos Ricardo Hoffmann e congratulamo-nos com Blumenau pelo surgimento dêsse legítimo valor das nossas letras.

**“A NOSSA TRADIÇÃO VALE
POR UM BOM NEGÓCIO”**

SERVIMOS HÁ 35 ANOS

CALÇANDO BLUMENAU

CALÇADOS?

Pense no **L O R G U S**

Rua 15 de Novembro, 383

TIPOGRAFIA CENTENÁRIO LTDA.

no ramo a melhor

Rua 15 de novembro, 1.422

BLUMENAU - Santa Catarina

Carimbos de Borracha REAL Ltda.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Datadores, Numeradores

Carimbos em Geral,

Tintas e Almofadas.

Rua 15 de Novembro, 1.306

BLUMENAU — SANTA CATARINA

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

BLUMENAU — ESTADO DE SANTA CATARINA

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906/Garcia

Enderêço Telegráfico: "GARCIA" - CAIXA POSTAL N.º 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO
TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA — LEN-
ÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS CRE-
TONES E OUTROS TECIDOS